

A renovação da Missão a partir do Vaticano II

La renovación de la Misión desde el Vaticano II

The renewal of the Mission since Vatican II

Memore Restori¹

Resumo

Com a celebração dos 60 anos do Vaticano II, dia 11 de outubro de 2022, pode-se afirmar que muito se é conversado e ainda se discorre em relação à Missão da Igreja. É exigência, para os missionários e as missionárias, conhecer novos caminhos a fim de um encontro mais dialógico com o ser humano, que se apresenta nos cenários da sociedade hodierna, caracterizada pela pós-modernidade. Estamos convencidos que é um processo sem fim, que requer uma leitura e interpretação constantes dos “sinais dos tempos”, impulsionando-nos a buscar novos caminhos a serem percorridos pela Ação Evangelizadora e Missionária da Igreja. Com esse objetivo, o texto que apresentamos percorre o caminho histórico da Igreja Latino-Americana e Caribenha, desde o Concílio Vaticano II, passando pelas Conferências Gerais; inclusive, pretende analisar a recepção do Documento de Aparecida pelo Pontificado do Papa Francisco. Considerando o percurso histórico da Igreja Latino-Americana e Caribenha e o legado espiritual do Papa Francisco, de uma Igreja discípula missionária e sinodal, encontram-se elementos de suma importância, que podem auxiliar no aprimoramento dos atuais Modelos de Missão. Em vista disso, faz-se urgente ter determinação para planejar um projeto missionário em sintonia com “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem” (Vaticano II, GS 1). Enfim, dito de outra forma, precisamos sair do comodismo do “fez-se sempre assim” e nos enveredar numa missão ousada, criativa, com a coragem de repensar os métodos/modelos de Evangelização, conforme as novas exigências do mundo atual (EG, 33)

Palavras-chaves: Pobre; Evangelização; libertação; Inculturação

Resumen

Con la celebración del 60.º aniversario del Concilio Vaticano II el 11 de octubre de 2022, es posible afirmar que se ha debatido y se sigue debatiendo mucho sobre la misión de la Iglesia. Los misioneros deben descubrir nuevos caminos para un encuentro más dialógico con los seres humanos, presente en la sociedad actual, caracterizada por la posmoderni-



¹ Mestre em Teologia da Missão pelo Instituto Teológico São Paulo; leigo graduado em Filosofia e Teologia. Assessor de missiologia. Autor do livro: *A missão no Vaticano II*. E-mail memore.restori@gmail.com

dad. Estamos convencidos de que este es un proceso continuo que requiere una lectura e interpretación constantes de los “signos de los tiempos”, lo que nos impulsa a buscar nuevos caminos para la acción evangelizadora y misionera de la Iglesia. Para ello, el texto que presentamos recorre la trayectoria histórica de la Iglesia latinoamericana y caribeña, desde el Concilio Vaticano II hasta las Conferencias Generales; también busca analizar la recepción del Documento de Aparecida por parte del pontificado del Papa Francisco. Considerando la trayectoria histórica de la Iglesia latinoamericana y caribeña y el legado espiritual del Papa Francisco, de una Iglesia misionera, discipular y sinodal, encontramos elementos de suma importancia que pueden ayudar a mejorar los modelos de misión actuales. Por lo tanto, urge decidarnos a planificar un proyecto misionero en sintonía con «las alegrías y las esperanzas, las tristezas y las angustias de la gente de hoy, especialmente de los pobres y de todos los que sufren» (Vaticano II, GS 1). En otras palabras, necesitamos romper con la comodidad del «siempre se ha hecho así» y embarcarnos en una misión audaz y creativa, con la valentía de repensar los métodos y modelos de evangelización de acuerdo con las nuevas exigencias del mundo actual (EG, 33).

Palabras clave: Pobres; Evangelización; Liberación; Inculturación

Abstract

With the celebration of the 60th anniversary of Vatican II on October 11, 2022, it is safe to say that much has been discussed and continues to be discussed regarding the Church's Mission. Missionaries are required to discover new paths for a more dialogical encounter with human beings, which is present in today's society, characterized by postmodernity. We are convinced that this is a never-ending process, requiring a constant reading and interpretation of the “signs of the times,” impelling us to seek new paths for the Church's Evangelizing and Missionary Action. To this end, the text we present retraces the historical journey of the Latin American and Caribbean Church, from the Second Vatican Council through the General Conferences; it also aims to analyze the reception of the Aparecida Document by the Pontificate of Pope Francis. Considering the historical trajectory of the Latin American and Caribbean Church and the spiritual legacy of Pope Francis, of a missionary, disciple-oriented, and synodal Church, we find elements of paramount importance that can help improve current Mission Models. Therefore, it is urgent to be determined to plan a missionary project in tune with “the joys and hopes, the sorrows and anxieties of modern-day people, especially the poor and all who suffer” (Vatican II, GS 1). In other words, we need to break free from the comfort of “it has always been done this way” and embark on a bold, creative mission, with the courage to rethink the methods/models of Evangelization in accordance with the new demands of today's world (EG, 33).

Key words: Poor; Evangelization; Liberation; Inculturation

1. Introdução

Os anos 50/60 foram marcados pelos conflitos e tensões entre os dois blocos, a “OTAN” e o “Pacto de Varsóvia”, durante a Guerra Fria: guerra da Coreia (1950), construção do muro de Berlim (1961), crise dos mísseis em Cuba (1962). Enquanto isso, a Igreja continuava sua com-



plexa relação com a modernidade. Porém, esse pensamento inovador “infiltra-se sub-repticiamente na Igreja por meio de fortes movimentos que precederam o Concílio” (Libânio, 2000, p. 33) criando controvérsias, entre os próprios católicos, sobre as relações da Igreja com o pensamento moderno.

O dia 9 de outubro de 1958 marcou a morte do Papa Pio XII. Sua morte criou um enorme vazio no Colégio Cardinalício que não se renovava havia muito tempo; inclusive, os cardeais percebiam suas limitações perante a figura majestática do Papa Pio XII, que sempre se comportou como soberano intérprete da lei divina (Libânio 2000, p. 62-63). Por conseguinte, a ideia que surgiu, entre os Cardeais do Conclave, foi de eleger um Papa de “transição” enquanto se esperavam tempos mais favoráveis.

Foi nesse contexto que, no dia 28 de outubro de 1958, Ângelo Roncalli, Cardeal e Patriarca de Veneza, foi eleito Papa com o nome de João XXIII, com 77 anos. A escolha parecia atender aos anseios do Conclave, elegendo um Papa na perspectiva de um pontificado de transição. Porém, sendo que os pensamentos de Deus não são os nossos pensamentos e nem dos Cardeais do Conclave (cf. Is 55,8), o Papa, considerado de transição, pela idade avançada, será aquele que, com muita fé e ousadia, anunciará o Concílio Ecumênico, inaugurando o projeto de “*aggiornamento*” (atualização) da Igreja.

2. O início de uma transição no âmago da missão da Igreja

Há um testemunho do Pe. Loris Capovilla, secretário particular do Papa João XXIII, em entrevista concedida a Luca Collodi, conservada nos arquivos da Rádio Vaticana (RV), onde o Papa expressa a vontade de convocar um Concílio Ecumênico.

Quando o Papa me falou pela primeira vez (sobre a intenção de convocar um novo Concílio) era Papa há cinco dias. Fez um aceno vago, disse: Chegam tantos problemas à minha mesa, interpelações e preocupações. É preciso algo de singular e de novo, não somente de um Ano Santo. No Código de Direito Canônico, na época há pouco reformado, há um capítulo chamado ‘De Concilio ecumênico’. Passado algum tempo, me falou outra vez a respeito, e eu sempre fiquei em silêncio. Depois veio aquela tarde de 21 de dezembro de 1958, quando me falou novamente e me disse: ‘Seu superior lhe fez um aceno a esse grande desígnio, parece-lhe ser inspiração do Senhor? Até agora você não disse uma só palavra... E me tocando o braço, me disse: ‘O fato é que você raciocina de certo modo humanamente, como um empresário que faz um projeto e chama o arquiteto, os conselheiros, quem se relaciona com os bancos. Para nós, ao invés, já é um grande dom de Deus aceitar uma boa inspiração e falar a respeito. Não pretendo celebrá-lo, para mim basta anunciá-lo (Capovilla, 2019, p. 1).

No dia 25 de janeiro de 1959, o Papa João XXIII, reunido com um grupo de Cardeais, na Basílica de São Paulo fora dos muros, anunciava sua decisão de convocar um Concílio. Foi o primeiro passo do processo de renovação e atualização da Igreja.



Veneráveis Irmãos e Nossos Amados Filhos! Nós pronunciamos diante de vocês, certamente tremendo um pouco de emoção, mas juntamente com a humilde determinação de propósito, o nome e a proposta da dupla celebração: de um Sínodo Diocesano para a Cidade e de um Concílio Ecumênico para a Igreja universal (João XXIII, discurso 25/01/1959).

O anúncio chegou inesperado, imprevisto e surpreendente em quase todos os ambientes, dominados pelo clima de guerra fria, e satisfeitos com um catolicismo estacionado em suas certezas (Alberigo, 2006, p. 19). O mesmo anúncio, que deu a volta ao mundo, despertou interesse e novas esperanças. No âmbito do Vaticano houve reações diferentes; inclusive negativas: “*Romano*, jornal do Vaticano, publica apenas um comunicado da Secretaria de Estado, mas não o texto do discurso do Papa na Basílica de São Paulo” (Alberigo, 2006, p. 23).

Se o Episcopado apresentou certa desconfiança e frieza ao anúncio de um Concílio, há uma corrente mais dialogante com a modernidade e presente em diversos movimentos eclesiais, que esperava numa atualização da Igreja, propondo experimentar uma renovação litúrgica, bíblica e ecumênica do catolicismo. Esse anseio de renovação foi manifestado, inclusive, pelo historiador Giuseppe Alberigo:

Não posso sequer esquecer o vivíssimo interesse que tinha como fiel cristão por uma renovação da Igreja e da vida cristã, da qual eu experimentava o envelhecimento (desde a missa em latim, até a inferioridade dos leigos diante do clero...) e a dificuldade em falar com o povo comum. Um Concílio poderia fazer o catolicismo sair do imobilismo, que foi ficando clamoroso e sufocante nos últimos anos do pontificado de Pio XII” - de 1950 em diante -? (Alberigo, 2006, p. 7).

A fase pré-conciliar, para o Papa João XXIII, foi de muita amargura e solidão enfrentada na Cúria Romana, por se opor às suas orientações no encaminhamento dos trabalhos em vista do Concílio. Mesmo assim, “o Vaticano II nasceu com o intuito explícito de renovar a Igreja como um todo, desde o primeiro instante em que brotou do coração e dos lábios do papa João XXIII” (Passos, 2014, p. 31).

O trabalho de preparação do Concílio, bastante complexo, teve início no mês fevereiro de 1959. A primeira fase de preparação foi totalmente manipulada pela Cúria Romana. Uma segunda fase teve início no mês de junho de 1960 e com muita resiliência o Papa João XXIII conseguiu se impor à vontade da Cúria Romana.

Com fadiga, e por meio de nomeações sucessivas, a composição desses preparativos foi totalmente subtraída ao monopólio da Cúria e dos ambientes romanos, de modo que puderam contribuir os bispos de todo o mundo, como os teólogos das escolas diversas da romana, e até alguns daqueles que por Pio XII foram atingidos por sanções (Alberigo, 2006, p. 36).



Por fim, no dia 11 de outubro de 1962, era proclamado o início do Concílio Vaticano II, com o discurso memorável de abertura do Papa João XXIII:

No exercício cotidiano do nosso ministério pastoral ferem nossos ouvidos sugestões de almas, ardorosas sem dúvida no zelo, mas não dotadas de grande sentido de discrição e moderação. Nos tempos atuais, elas não veem senão prevaricações e ruínas; vão repetindo que nossa época, em comparação com as passadas, foi piorando; e portam-se como quem nada aprendeu da história, que é também mestra da vida, e como se no tempo dos Concílios Ecumênicos precedentes tudo fosse triunfo completo da ideia e da vida cristã, e da justa liberdade religiosa. Mas parece-nos que devemos discordar desses profetas da desventura, que anunciam acontecimentos sempre infaustos, como se estivesse iminente o fim do mundo. No presente momento histórico, a Providência está nos levando para uma nova ordem de relações humanas, que, por obra dos homens e o mais das vezes para além do que eles esperam, se dirigem para o cumprimento de desígnios superiores e inesperados; e tudo, mesmo as adversidades humanas, dispõe para o bem maior da Igreja (João XXIII, Discurso 11/10/1962).

Essas palavras, incisivas do Papa, sinalizam que o Concílio Vaticano II pretende ser um marco na história da Igreja: uma retomada da esperança, do compromisso, do diálogo; da valorização do que há de bom no mundo, nos homens e numa Igreja renovada. Ademais, “a preocupada desconfiança católica dos últimos séculos com a modernidade tornou-se um capítulo fechado, embora ainda existam alguns lampejos nostálgicos. Surgiu a esperança, também com deselegância e não poucas fadigas, de uma postura de amizade com os homens e suas conquistas” (Alberigo, 2006, p. 15).

No dia 8 de dezembro de 1965 se concluíam os trabalhos do Vaticano II, pondo um marco na atualização e abertura da Igreja (*aggiornamento*). Entre Constituições, Decretos e Declarações, o Concílio Vaticano II ofereceu à Igreja um total de 16 Documentos entre os quais encontra-se o Decreto “*Ad Gentes*” sobre a Atividade Missionária da Igreja (A Missão às Nações/aos Povos). Decreto que irá nortear o futuro da Ação Missionária da Igreja, estimulando continuamente a reflexão Teológica da Missão, dando início a um processo contínuo de atualização: uma verdadeira “metamorfose da Missão a partir do Vaticano II”.

3. A gênese do Decreto “*Ad Gentes*” sobre a atividade missionária da Igreja

O teólogo Paulo Suess define o processo para chegar ao texto definitivo sobre a Missão da Igreja “o caminho tortuoso do Decreto *Ad Gentes*”, informando o leitor a respeito das dificuldades para chegar ao documento final:

Ao texto definitivo do Decreto *Ad Gentes*, sobre a atividade missionária da Igreja, precederam sete documentos, que permitem acom-



panhar as lutas pelo significado do paradigma “missão” e o processo lento da construção de um consenso em torno de uma Igreja que não põe mais no centro seus territórios missionários, mas sim o ser missionário (Suess, 2024, p. 119-120).

Na preparação e nos primeiros anos do Concílio o conservadorismo católico europeu, com suas urgentes preocupações pastorais, se apresentou com enorme impacto sobre o Concílio. Em vista disso, o tema das “missões” não foi percebido como prioritário; seria suficiente uma reorganização, inclusive teológica-pastoral, que seria atualizada durante o Concílio. Nesse contexto os desafios e as inquietações provindas do “Terceiro Mundo” ficaram reprimidas, até esquecidas. Porém, o silêncio dos continentes não europeus, paulatinamente foi substituído por vozes marcantes dos Bispos da América Latina, África e Ásia despertando novas energias e capacidade de ação (Valle, 2005, p. 43). Outras dificuldades que se apresentavam constantemente na “Comissão das Missões” foram as interferências do Cardeal Agagianian, da Propaganda Fides, e presidente da “Comissão”.

Era comum ouvir-se naqueles dias o grupo mais ligado à Propaganda [Fides], fazia de tudo para evitar uma abordagem distinta da atividade missionária da Igreja. Falou-se na época de uma “armação” daquele grupo, desejoso de fazer passar os pontos de vista e interesses do status quo curial (Valle, 2005, p. 44).

Vale lembrar que a eclesiologia do Vaticano II foi uma sólida base para consolidar os trabalhos da “Comissão Missionária” e a nova ideia de missão que foi se estruturando na “Comissão” tomou as devidas distâncias da proposta, mais institucional, do Cardeal Agagianian, cuja visão de missão era territorial, ligada ao mundo de “Propaganda Fides” sem interação com os anseios missionários provenientes das bases (Valle, 2005, p. 46). Com o tempo, o avanço das discussões, a inserção do número 17 na Lumen Gentium - sobre a índole missionária da Igreja - cresceu a esperança de um documento missionário que podia responder aos anseios do momento presente e às aspirações levantadas pelos Bispos da América Latina, Ásia, África; inclusive, teólogos e missionários.

Foi através desse “caminho tortuoso” que o Decreto “*Ad Gentes*” foi aprovado. O último texto da Comissão Missionária foi apresentado ao Concílio no dia 08 de outubro de 1965, para uma avaliação. “Consideradas as emendas propostas, o esquema voltou a ser discutido, desta vez enriquecido dum capítulo novo sobre as Igrejas Particulares. [...]. No dia 07 de dezembro, depois da última votação, o Santo Padre promulgou solenemente o Documento” (Raschiatti, 2011, p. 35). Até que enfim, com a promulgação do Decreto *Ad Gentes* um novo cenário abriu-se para a Missão da Igreja, possibilitando trilhar novos caminhos missionários, visando entender e dialogar com o ser humano envolvido na modernidade e nos inícios da pós-modernidade.

4. *Ad Gentes*: “Um divisor de águas” na teologia da missão

No Decreto *Ad Gentes*, promulgado pelo Papa Paulo VI, no dia 07 de dezembro de 1965, encontram-se traços do velho paradigma missionário utilizando ainda termos como: missões,



territórios de missão, implantação da Igreja. São reflexos do embate entre a “Comissão de *Missionibus*”, precedida pelo cardeal Agagianian, e o novo conceito de missão que brotou do Vaticano II. Sob outro enfoque, entre a visão conservadora da missão, ainda entendida pelo geográfico e pelo plural: “missões, em vez de missão”; inclusive, nos textos pontifícios: “missões estrangeiras” (Bento XV), “missões entre infiéis” (Pio XI), “terra de missão/territórios de missão” (João XXIII) e o novo conceito de missão fundamentado na “*Missio Dei*” (Valle 2005, p. 51-52).

Destarte, o conceito de missão, desde o século XVI até o Vaticano II, se caracterizou por uma visão discriminatória, etnocêntrica e vinculado ao processo de colonização. A missão aos povos, fundamentada na afirmação: “não há salvação fora da Igreja”, foi muitas vezes marcada por um senso de superioridade da cultura europeia (etnocentrismo) pela negação do outro e pela violenta expansão colonial. Os destinatários, pois, não eram todos os povos, mas apenas os considerados selvagens, pagãos, infiéis. (Raschietti, 2011, p. 7)

A mentalidade colonial, com os relativos condicionamentos para a missão, entrará em crise nos meados do século XX por meio do processo de descolonização. Outro elemento a ser considerado é a tragédia acontecida com as duas guerras mundiais gerando transformações profundas: econômicas, socioculturais e políticas, que aconteceram em todo o mundo. Inclusive, na Europa se apresenta outro fenômeno que afetará a Igreja: o processo de descristianização. O fenômeno foi apontado pelos padres operários, franceses, *Henri Godin e Yves Daniel*, no ano de 1943, publicando o livro: *France: pays de mission?* (França: país de missão?). “A publicação de Godin e Daniel (1943) foi o primeiro estudo sério que destruiu o mito geográfico da missão: ela provou que também a Europa era um campo de missão” (Bosch, 2007, p. 27).

5. Considerações sobre o Decreto Ad Gentes

O Decreto Ad Gentes afirma que “a Igreja é por sua natureza missionária” (AG, 2); tendo sua origem no “Amor Fontal” de Deus Pai que, sem hesitação, pode-se chamar de “Amor Missionário”. A partir do conceito de missão do Vaticano II, o teólogo David J. Bosch aponta uma consequência lógica ao afirmar: “Visto que Deus é um Deus missionário, o povo de Deus é um povo missionário” (Bosch 2007, p. 447); ideia muito bem elucidada no Decreto Ad Gentes:

Dado que a Igreja é toda ela missionária, e a obra da evangelização é um dever fundamental do Povo de Deus, o sagrado Concílio exorta todos a uma profunda renovação interior, para que tomem viva consciência das próprias responsabilidades na difusão do Evangelho e assumam a parte que lhes compete na obra missionária junto dos gentios (AG, 35).

Esse dever missionário, do Povo de Deus, não tem limites geográficos ou lugares específicos. A missão Evangelizadora não tem fronteiras, deve chegar “até os confins da terra” (At 1,8). “Por isso, todos os filhos da Igreja tenham consciência viva das suas responsabilidades para com o mundo” (AG, 36).

Há uma tese, bastante interessante, dos teólogos Bevans e Schroeder mostrando que os Atos dos Apóstolos manifestam a consciência que a Igreja tinha da missão que a esperava. Em vista disso, eles sustentam que os Atos dos Apóstolos apresentam uma sólida base bíblica à afirmação que a Igreja “é missionária por sua natureza” (AG, 2). O caminho missionário dos Atos dos Apóstolos mostra a primitiva Igreja, nascida no dia de Pentecostes, em Jerusalém e, logo em seguida, aquela frágil comunidade, pela força do Espírito Santo, vai se abrindo rumo a novas fronteiras até assumir a missão aos gentios. Ser Igreja é sinônimo de estar continuamente em missão, porque ela nasce e cresce na missão; e, estar em missão é ser sensível às exigências do Evangelho nos diversos contextos humanos. Bevans e Schroeder, 2010, p. 69-71).

Em seu discurso aos participantes na plenária da Congregação para a Evangelização dos Povos, o Papa Francisco fez uma releitura do *Ad Gentes* 2 focalizando o conceito de que “a Igreja é por sua natureza missionária”, afirmando:

A missão não corresponde, em primeiro lugar, a iniciativas humanas; o protagonista é o Espírito Santo, o desígnio é seu (RMI, 21). E a Igreja é serva da missão. Não é a Igreja que faz a missão, mas é a missão que faz a Igreja. Por conseguinte, a missão não é o instrumento, mas o ponto de partida e a finalidade (Francisco, Discurso 03/12/2015).

Nesse contexto nos parece importante mencionar quanto disse o teólogo Martin Kähler (há quase um século): “A missão é ‘a mãe da teologia’. A teologia, afirmou Kähler, começou como uma manifestação que acompanhava a missão cristã e não como um luxo da Igreja dominadora do mundo” (Kähler, em Bosch 2007, p. 34). Deveras, a experiência de missão da primeira comunidade cristã, relatada nos Atos dos Apóstolos, mostra claramente que os desafios e o consolo encontrados na experiência missionária formaram um conjunto de elementos de análise, reflexão e decisões que a comunidade apostólica foi tomando, superando os conflitos internos, acompanhada pela ação do Espírito Santo (At 15,5-12). Por isso vale lembrar, mais uma vez, que “é a missão que faz a Igreja”.

A riqueza da Teologia da Missão não está simplesmente ligada ao Decreto *Ad Gentes*, e sim aos documentos do Vaticano II e de outros “canteiros de obras” do Concílio que favoreceram a reflexão sobre a missão. Sendo assim, o Vaticano II marca um ponto de chegada e um ponto de partida para iniciar uma nova caminhada missionária. Por isso, Paulo Suess afirma que a Teologia da Missão está no coração do Concílio (Suess, 2024, p. 129-131). Não podemos esquecer que esta nova caminhada, que temos pela frente, será pontilhada por diversos desafios como aconteceu no Vaticano II: “O lugar do ‘mundo’, da ‘missão’, da ‘liberdade religiosa’ na Igreja foi disputado e discutido até o último momento do Concílio. E essa discussão continua até hoje pelas diferentes leituras dos textos” (Suess, 2024, p. 126).

6. Compromisso missionário a partir do Vaticano II

Uma Igreja que foi se isolando, cada vez mais, do mundo, toma consciência que sua missão tem que ser naquele mundo, no mundo dos homens, no mundo da inteira família humana com suas diversidades, contrastes, alegrias e sofrimentos, como afirma o Vaticano II:



As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração (GS, 1).

O proêmio da *Gaudium et Spes* foi um raio de luz que iluminou um novo cenário, cheio de esperança, para a missão da Igreja que foi “enviada por Deus a todas as gentes para ser sacramento universal de salvação” (AG, 1). A Igreja se dá conta que, embora não seja deste mundo, está no mundo para manifestar e transmitir o amor de Deus. A partir dessa nova consciência a caminhada missionária da Igreja vai marcando avanços e retrocessos, típicos da experiência humana. Porém, nessa caminhada missionária, marcada por diversos solavancos, sempre surgirão novos modelos missionários frutos da ação do Espírito Santo que é o “agente principal da Evangelização” (EN, 75).

7. A recepção do Vaticano II pela Igreja do Brasil

O marco histórico da recepção do Vaticano II pela Igreja da América Latina aconteceu em Medellín - 1968, com a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Porém, de certo modo, podemos afirmar que a Igreja do Brasil adiantou sua recepção, ainda durante os trabalhos do Vaticano II, com a elaboração do “Plano Pastoral de Conjunto” (PPC) aprovado em 1965. Objetivo do “Plano” foi de colocar a Igreja do Brasil em sintonia com os documentos do Concílio, visando implantar as reformas emergentes por meio de 6 Linhas Pastorais, entre as quais estava a Linha 2: Promover a Ação missionária.

c) As duas assembleias da CNBB realizadas, uma durante a terceira sessão conciliar em 1964, para mudança dos estatutos e adequação antecipada das estruturas da entidade, para a aplicação do concílio e eleição da nova diretoria; a outra, extraordinária, ao longo dos três meses da última sessão, de setembro a novembro de 1965, dedicada à discussão e aprovação do Plano de Pastoral de Conjunto (PPC) destinado a traduzir na prática, em face da realidade brasileira, as decisões do Concílio (Beozzo, 2005, p. 7/C).

Com a presença e uma ação de destaque de Dom Helder Câmara, no Concílio; além do PPC, foi articulado e assinado, no dia 16 de novembro de 1965, o “Pacto das Catacumbas de uma Igreja serve e pobre”: Marco histórico de uma Igreja que escolheu a pobreza para uma missão a serviço da causa dos pobres. No dia 16 de março de 2013, O Papa Francisco, ao receber os representantes da mídia na Sala Paulo VI o Santo Padre afirmou: “Como eu gostaria de uma Igreja pobre e para os pobres”!

É importante lembrar que durante o Sínodo para a Panamazônica alguns participantes se reuniram, no dia 20 de outubro de 2019, nas Catacumbas de Santa Domitila para assinar o “Pacto das Catacumbas pela Casa Comum” Por uma Igreja com rosto amazônico, pobre e servidora, profética e samaritana. O grupo foi organizado por dom Erwin Kräutler e a ce-



lebração Eucarística foi presidida pelo cardeal dom Frei Cláudio Hummes. A renovação do pacto das Catacumbas sinaliza a renovação de um compromisso com a missão evangelizadora em favor dos vulneráveis, marginalizados e excluídos.

8. A recepção do Vaticano II na Latino-Americana a partir de Medellín – 1968

A II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, acontecida em Medellín - 1968, marcou uma nova etapa na caminhada da Igreja na sua Ação Evangelizadora. É fato dizer que em Medellín aconteceu a recepção do Vaticano II; as mudanças desencadeadas pelo Concílio levaram a Igreja Latino-Americana a ter uma profunda preocupação com os problemas *“ad extra”*. Se na Conferência Geral de Rio de Janeiro de 1955 a Igreja estava preocupada com os problemas *“ad intra”*; agora, o olhar do Pastores é voltado para o Povo Latino-Americano, que vive a dramática situação do subdesenvolvimento atingindo todos os âmbitos de suas vidas, afirmando que: “nossa missão é a de contribuir para a promoção integral do homem e das comunidades do continente”. (DM. Mensagem aos Povos da A.L., p. 29)

Nessa tomada de consciência missionária, os Pastores foram-se debruçar sobre assuntos espinhosos como: a injustiça que gera miséria e marginalização de grandes grupos humanos; a paz comprometida pelas tensões entre classes sociais e o neo-colonialismo presente em setores dominantes na sociedade. Contudo, “se o desenvolvimento é o novo nome da paz”, como afirma Paulo VI na *Populorum Progressio* n. 87 (PP), “o subdesenvolvimento latino-americano, com características próprias nos diversos países, é uma injusta situação promotora de tensões que conspiram contra a paz” (DM, Cap. 2.1). Essa foi a denúncia dos Pastores, em Medellín, contra as injustiças sofridas pelo povo. Outro desafio, inadmissível, apontado é o da pobreza e até da miséria que vive a grande maioria do povo. Para tanto, os Pastores fizeram uma escolha profética da pobreza como compromisso voluntário para uma Igreja pobre com os pobres, afirmando que a Igreja dos pobres:

- Denuncia a carência dos bens deste mundo e o pecado que a engendra.
- Prega e vive a pobreza espiritual como atitude de infância espiritual e abertura ao Senhor.
- Compromete-se ela mesma com a pobreza material. A pobreza da Igreja é, com efeito, uma constante na história da salvação (DM. Pobreza da Igreja, 14.5).

9. III Conferência em Puebla- 1979 e os avanços da missão

Uma abordagem do documento de Puebla não pode desconsiderar a Exortação Apostólica *“Evangelii Nuntiandi”* – 1975, do Papa Paulo VI, decorrente do Sínodo dos Bispos sobre “a Evangelização no Mundo Contemporâneo” – 1974. O documento de Puebla é a recepção da *“Evangelii Nuntiandi”*. Dito de outra forma: as conclusões da Conferência de Puebla “Evangelização no presente e no futuro da América Latina”, têm como pano de fundo e inspiração a Exortação Apostólica *“Evangelii Nuntiandi”*.



O Documento de Puebla (DP), estruturado em cinco partes, segue o método do “Ver - Julgar e Agir”², como o Documento de Medellín. Isso possibilitou uma leitura analítica do contexto latino-americano que, confrontado com o “Desígnio de Deus sobre a realidade da América-Latina”, busca uma ação missionária a serviço da Evangelização do Povo Latino-Americano. Os Pastores não tiveram medo em apontar as situações de injustiças, de escândalo, criando uma fenda, cada vez maior, entre ricos e pobres (DP, 28). A situação de extrema pobreza mostra as feições sofridas do Povo que nos questionam e interpelam (DP, 31-39).

Outros desafios, que estão atribulando o Povo Latino-Americano, são apontados pelos Pastores como um clamor cada vez mais impressionante subindo ao céu: “É o grito de um povo que sofre e que reclama justiça, liberdade e respeito aos direitos fundamentais dos homens e dos povos” (DP, 87). A experiência da Igreja, desde Medellín, assumindo o compromisso com os pobres, percebeu o “potencial evangelizador dos pobres” (DP, 1147); dessas pessoas excluídas da sociedade, mas escolhidas por Deus. Por isso, o Documento de Puebla reconfirma, com maior ênfase, e em diversas passagens, a opção preferencial pelos pobres: “Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação” (DP, 1134).

Outro tema, bastante trabalhado, no Documento de Puebla é o da “libertação integral” (DP, 141) ou “promoção da libertação total da pessoa humana” (DP, 475). Não por acaso foi um assunto bastante discutido no sínodo dos Bispos de 1974 e presente na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI: “A Igreja, repetiram-no os Bispos, tem o dever de anunciar a libertação de milhões de seres humanos, sendo muitos desses seus filhos espirituais; [...]. Isso não é alheio à evangelização” (EN, 30).

Enfim, uma nova consciência missionária foi-se despertando em Puebla abrindo-se para a missão universal. Apesar dos enormes desafios enfrentados pelos seus povos, os Pastores perceberam a necessidade de abrir seus horizontes para as necessidades do mundo:

Finalmente chegou para a América Latina a hora de intensificar os serviços recíprocos entre as Igrejas particulares e de estas se projetarem para além de suas próprias fronteiras, ad gentes. É certo que nós próprios precisamos de missionários, mas devemos dar de nossa pobreza (DP, 368).

10. IV Conferência em Santo Domingo 1992

Dom Aloísio Lorscheider, comentando os trabalhos de Santo Domingos, fez a seguinte afirmação: “Santo Domingo teve uma história um pouco conturbada. Houve a impressão de que se queria torpedear essa Conferência” (Lorscheider, p. 41). De fato, a Cúria Romana, desde Medellín passando por Puebla, sempre mostrou certa desconfiança com as decisões

² Método oriundo da Ação Católica, foi criado pelo Cardeal Josef Cardin, na década de 1950, na Bélgica, onde exercia seu ministério pastoral entre os trabalhadores. E foi reconhecido oficialmente pelo Papa João XXIII na Encíclica *Mater Et Magistra* (N. 235), de 1961.

tomadas pelos Pastores da América Latina. Em consequência disso, “em Santo Domingo, a influência conservadora dos órgãos romanos fez-se sentir bem mais decisiva em detrimento da autonomia dos Bispos da América Latina” (Libânio, 2000, p. 182).

Outro elemento a ser considerado é que a Conferência Geral de Santo Domingo se realizou durante o processo de implementação da “Nova Evangelização”³. Esse projeto marcará o Pontificado de João Paulo II despertando certa suspeita de querer desenvolver um projeto missionário de restauração ou criação de uma nova cristandade visando um “compromisso não de reevangelização mas de uma evangelização nova. “Nova no seu entusiasmo, nos seus métodos, na sua expressão”⁴. Porém, em Santo Domingo, apesar das pressões da ala conservadora, “o Episcopado Latino-Americano conseguiu manter os avanços substanciais de Medellín e Puebla e acrescentou a inculturação como eixo importante para a Igreja Local” (Suess, 2024, p. 151-152). “Uma meta da evangelização inculturada será sempre a salvação e a libertação integral de determinado povo ou grupo humano, [...] adotando a perspectiva de Jesus Cristo encarnado, que salvou o homem partindo da fraqueza, da pobreza e da cruz redentora” (DSD 243). O conceito de inculturação no Documento de Santo Domingo encontra sua fundamentação na *Redemptoris Missio* (RMi, 52-54; DSD, 230).

11. O sínodo extraordinário dos Bispos em 1985

Celebrando o 20º aniversário do Vaticano II, o Papa João Paulo II convocou um Sínodo Extraordinário com o objetivo de avaliar os resultados do Concílio, tendo presente as divergências surgidas após o Vaticano II. Duas interpretações divergentes se manifestaram a respeito dos resultados do Concílio. A primeira se identificou com os avanços alcançados motivando parte da Igreja, num renovado processo Pastoral e de Evangelização, seja na América-Latina como na Europa, temendo um retrocesso no Sínodo, quanto à renovação do Vaticano II.

A segunda corrente interpretativa, ligada a uns cardeais da Cúria Romana, manifestou algumas preocupações apontando eventuais desvios na aplicação dos documentos conciliares. Perante isso, manifestaram a necessidade de analisar certas tendências resultantes de interpretações consideradas abusivas. Essa corrente, contrária à renovação do Concílio, foi se fortalecendo após a longa entrevista do Cardeal Joseph Ratzinger, concedida ao jornalista Vittorio Messori. O livro-entrevista foi publicado em 1984 (um ano antes do sínodo) com o título “A fé em crise?” Embora o livro tenha sido traduzido em muitos idiomas não teve aquele resultado esperado por essa corrente conservadora. Segue um trecho da entrevista:

O Concílio Vaticano II encontra-se hoje numa luz crepuscular. É incontestável que os últimos 20 anos foram nitidamente desfavoráveis para a Igreja católica. Os resultados que se seguiram ao Concílio parecem cruelmente opostos às expectativas de todos, a começar pelas do Papa João XXIII e depois do Papa Paulo VI. O Papa e os

3 A primeira vez que o Papa João Paulo II usou a expressão “Nova Evangelização” foi na – Polônia, Mogila, 9 de junho de 1979.

4 Discurso do Papa João Paulo II, ao CELAM, Porto Príncipe, Haiti, 9 de março de 1983.



Padres conciliares esperavam uma nova unidade católica e em vez disso foi-se a um dissenso que – para usar as palavras de Paulo VI – pareceu passar da autocrítica à autodestruição. Esperava-se um novo entusiasmo e, demasiadas vezes, terminou-se no tédio e no desencorajamento. Esperava-se um salto para frente, em vez disso, chegou-se a um processo progressivo de decadência, sob a bandeira de um suposto “espírito do Concílio” e desse modo o desacreditaram” (Ratzinger & Messori, 1985 em Libânio 2000, p. 155-156).

Apesar dessa visão negativa e de alguns tropeços na caminhada da Igreja, após o Concílio, o Sínodo Extraordinário dos Bispos de 1985 confirmou que o Vaticano II é e será o fundamento para avançar, com ousadia, na Conversão Pastoral, na Ação Evangelizadora e na Missão até os confins do mundo.

12. Aparecida – 2007 - a continuidade com o Papa Francisco

A V Conferência Geral foi aprovada pelo Papa tendo como objetivo celebrar os 50 anos do CELAM. De fato, desde Santo Domingo, o Papa João Paulo II anunciava a intenção de realizar os Sínodos Continentais. Sendo assim, não haveria mais as “Conferências Gerais”. O Sínodo sobre a América foi celebrado no ano de 1997 (Valentini, 2008 p. 10). Vale destacar que em todas as Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e Caribenho sempre houve tentativas de interferências da cúria romana. Mesma coisa aconteceu na Conferência de Aparecida; no texto original foram feitas alterações, por “censores desconhecidos”, criando certa inquietação.

À publicação do Documento Conclusivo, houve a desagradável surpresa de constatar que o “texto oficial” não coincidia com o “texto original”. Entre o término da Assembleia e a data da “autorização” de publicação do Documento, haviam sido feitas ao redor de 250 mudanças no “texto original”, muitas delas de menor importância, mudanças de forma ou de redação, mas outras tantas maiores, de conteúdo, pelo menos umas 40, importantes, de fundo (Brighenti, 2016, p. 675).

Apesar desses inconvenientes, o Documento de Aparecida nos deixou um legado; valiosas orientações para uma renovada Ação Evangelizadora e novas possibilidades de avançar na Missão como “paradigma síntese e inacabado” como foi apontado pelo Teólogo Paulo Sues:

“Sedimentados na pastoral pós-conciliar, na metodologia e no conteúdo das conferências anteriores, os delegados da V Conferência não precisavam inventar um novo paradigma. Assumiram a missão como paradigma-síntese e sempre inacabado, incorporando nele as bandeiras da descolonização e inculturação, libertação e opção pelos pobres” (Suess, 2008, p. 170).

Apontamentos no Documento de Aparecida que mostram como os delegados da V Conferência assumiram a “missão como paradigma-síntese”:



- A retomada dos Documentos do Vaticano II
- A reconfirmação da “opção pelos pobres”.
- As comunidades eclesiais de base (CEBs).
- A recuperação do método “Ver, julgar e Agir”.
- Os novos sujeitos emergentes que precisam de todo o apoio da Pastoral Evangelizadora: Os Indígenas, os Afro-Americanos, as Mulheres, os Migrantes, as Pessoas com deficiência.
- A Palavra de Deus nos encontros bíblicos do Povo.
- A Teologia da Libertação enfrentando diversas dificuldades, mas norteadora do Documento de Aparecida (Valentini, 2008, p. 19).

Vale lembrar que o Presidente da Comissão de Redação do Documento final de Aparecida tinha sido eleito o Arcebispo de Buenos Aires, Cardeal Jorge Mario Bergoglio, futuro Papa Francisco. Perante essa “coincidência” surge uma pergunta: Que relação poderia ter entre o Documento de Aparecida e o Pontificado de Papa Francisco? Acreditamos que haja uma relação muito estreita entre Aparecida, a experiência pastoral do Padre e Bispo Bergoglio, durante a ditadura militar na Argentina no contexto da “Teologia do Povo” e o seu próprio Pontificado. O Teólogo Jesuíta Juan Carlos Scannone, no seu livro, apresenta essa realidade:

Embora não se possa dizer que o Padre Bergoglio tenha sido um teólogo do povo, nem muito menos da libertação, todavia, na minha opinião, sua pastoral como bispo auxiliar, e depois como arcebispo primaz, inspirou-se na teologia do povo, e particularmente na opção preferencial pelos pobres, no seguimento de Jesus; opção assumida pelo magistério latino-americano e pontifício, e evidenciada pelo fato de ter assumido o nome de Francisco (Scannone, 2016, p. 47).

O Pontificado de Papa Francisco, desde o começo, mostrou uma relação íntima com Aparecida: O nome escolhido -Francisco - será o projeto de vida do seu pontificado; a simplicidade das primeiras palavras, na varanda central da Basílica de São Pedro, mexeu profundamente com o povo lá presente: “Irmãos e irmãs, boa noite! Vós sabeis que o dever do Conclave era dar um Bispo a Roma. Parece que os meus irmãos Cardeais tenham ido buscá-lo quase ao fim do mundo... Eis-me aqui!” Inclusive, a frase que Dom Cláudio Hummes sussurrou ao ouvido do Papa Francisco, logo após sua eleição, “não esqueça dos pobres”, marcou profundamente seu pontificado. Por isso, podemos afirmar que a Exortação Apostólica “*Evangelii Gaudium*” (EG), sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual - do Papa Francisco - de certa forma é a recepção do Documento de Aparecida, visando uma nova etapa evangelizadora, marcada pela alegria do Evangelho (EG, 1).

Se em Aparecida os Pastores “assumiram a missão como paradigma-síntese e sempre inacabado” (Suess, 2008, p. 170); na “*Evangelii Gaudium*”, o Papa Francisco nos desafia em dar um passo adiante, na Missão Evangelizadora, incentivando cada discípulo missionário a transformar nossa Igreja numa “Igreja em Saída”: A Igreja em saída é uma Igreja com as portas abertas, tendo o anseio de um encontro fraterno com os outros e alcançar as periferias humanas (EG 46). Numa carta do Papa Francisco ao Cardeal Kevin Farrell, em ocasião do encontro das famílias católicas a ser realizado do dia 21 a 26 de agosto de 2018, em Dublin, sobre o tema: «O Evangelho da Família: alegria para o mundo», dizia: “Sonho uma Igreja em saída, não autorreferencial, uma Igreja que não passe distante das feridas do homem, uma



Igreja misericordiosa que anuncie o coração da revelação de Deus Amor, que é a misericórdia” (Papa Francisco, carta de 25 de março de 2017).

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, elaborou o conceito de “Igreja em Saída” (EG 24), “para uma nova etapa evangelizadora” (EG1). Uma proposta missionária que brotou no Vaticano II, acolhida pela Igreja Latino-Americana e aprofundada em Aparecida. Deveras, “hoje, toda a Igreja na América Latina e no Caribe querem colocar-se em estado de missão” (DAP, 213).

“Na *Evangelii Gaudium*, o magistério latino-americano da 5ª Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho (2007), realizada em Aparecida, tornou-se magistério universal da Igreja Católica” (Suess, 2015, p. 8). “Em todos os gestos de Francisco aparece a prioridade da missão dos batizados sobre a manutenção da Igreja. Depois do papa comunicador e do papa teólogo, agora temos um papa com DNA missionário” (Suess, 2015, p. 9). Doravante será nossa a responsabilidade de avançar na Teologia da Missão, fazendo uma nova recepção da experiência vivenciada pela Igreja Latino-Americana e Caribenha e dos “insights missionários” documentados nas Conferências Gerais. Inclusive, se faz necessário refletir sobre o “legado missionário” deixado pelo Papa Francisco à Igreja, com o intuito de: entender, acolher e nos motivar para aplicá-lo.

13. Conclusão

O Concílio Vaticano II aconteceu num momento histórico onde começava o declínio da modernidade e os albores da pós-modernidade. O economista e cientista social Eduardo Giannetti descreve os limites presentes no pensamento moderno:

“O mundo moderno nasceu embalado por três ilusões poderosas:

- I) a de que o progresso da ciência permitiria banir o mistério do mundo e elucidar o sentido da existência;
- II) a de que o projeto de explorar e submeter a natureza ao controle da tecnologia poderia prosseguir indefinidamente sem aticar a ameaça de grave descontrole da biosfera;
- III) a de que o processo civilizatório promoveria o aprimoramento ético e intelectual da humanidade, tornando nossas vidas mais felizes, plenas e dignas de serem vividas. O moderno Ocidente trouxe fabulosas conquistas, mas as suas promessas não se cumpriram (Giannetti, 2017, p. 1).

Não só “as promessas não se cumpriram”, o antropocentrismo moderno deu o aval para uma sociedade consumista, individualista, sem regras, porque o que vale é a liberdade de expressão; até mesmo, multiplicaram-se as incertezas e os vazios existenciais. Não se podem negar os avanços alcançados nessa nova fase histórica da sociedade; porém, se faz urgente prestar atenção aos “tentáculos” presentes no “paradigma tecnocrático dominante”, condenado pelo Papa Francisco na *“Laudato Si (LS)”*, que tende a exercer seu domínio

sobre a natureza, a economia e a política (LS 108-109). Um domínio sobre o homem, suas escolhas, suas convicções, seus sonhos - disfarçado pelas novas ilusões oferecidas através das redes sociais, inteligência artificial e pelas técnicas de propaganda.

Estamos perante a um cenário complexo da sociedade e da religiosidade vivenciada pelo povo. Hoje, como nunca, a mensagem do Evangelho está contaminada pela ideologia, pela política e pela economia. Muitos “missionários” estão presentes em programas televisivos, nas redes sociais e como influenciadores (católicos?) no Youtube. Tudo isso requer uma investigação acurada visando uma Ação Missionária que possa dialogar com os diversos interlocutores, presentes na sociedade hodierna, oferecendo uma palavra de vida, confortadora, que transmita força e esperança; e, não fundamentada na ilusão de soluções fáceis e enganosas.

Nesse novo contexto precisamos de uma renovação da Missão a partir do legado do Papa Francisco, cujo Pontificado foi um compromisso autêntico com os valores do Evangelho e com a Missão da Igreja, que abrange também o cuidado com a criação. Uma atualização Missionária que tenha como objetivo levar “a alegria do Evangelho” (EG, 1), de forma gratuita - sem intenções recônditas de proselitismo - a todos os homens, mulheres e crianças que esperam por “um céu novo e uma nova terra” (Ap 2,1); que esperam o advento do Reino de Deus: Reino de paz, de misericórdia, de justiça e fraternidade.

Visando novos avanços na Ação Evangelizadora e Missionária, segue uma proposta de estudo para aprimorar nossos conhecimentos sobre a missão:

Releitura do Documento de Aparecida, síntese da caminhada missionária da Igreja Latino-Americana e Caribenha, desde o Vaticano II.

Análise da “*Evangelii Gaudium*”, onde o Papa Francisco apresenta um paradigma missionário para o novo contexto histórico, impactado pelas mudanças científicas, tecnológicas e da informação.

Abordagem da “*Laudato Si*”, um marco histórico sobre o cuidado com a criação, que o Papa Francisco define de “Casa Comum”: Um novo âmbito Missionário que nos espera para “sermos guardiões da obra de Deus” (LS 217).

Fazer um “mergulho” no Documento “*Fratelli Tutti*”, acolhendo os apontamentos do Papa Francisco para “caminhar rumo à amizade social e à fraternidade universal” (FT 106), derubando todas as fronteiras da iniquidade, iluminando as sombras de um mundo fechado visando realizar um encontro fraterno com o Outro.

Toda a reflexão missiológica que foi se desenvolvendo desde o Vaticano II, enriquecida pela Igreja Latino-Americana e Caribenha; complementada pelo Pontificado do Papa Francisco é um forte incentivo para nos aproximar e compreender o “Paradigma Missionário Latino-Americano em Perspectiva Decolonial”; num artigo do Teólogo Estevão Raschiatti propõe: “repensar criticamente a razão missionária, em seus pressupostos fundamentais e em sua atuação à luz do pensamento decolonial latino-americano”. (Raschiatti, 2022, p. 513)



Com as palavras do Papa Francisco, mencionando o Documento de Aparecida, abre-se um novo cenário sobre a Ação Missionária da Igreja:

A missão do anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo tem destinação universal. Seu mandato de caridade alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos. Nada do humano pode lhe parecer estranho (EG 181; DAp 380).

Essas palavras são um alento para “aventurarmos” e comprometer em trilhar novas veredas missionárias, a fim de que toda a humanidade possa ter vida e vida em abundância (Jo 10,10). Isso será possível através de uma Evangelização realmente inculturada, sem medo de nos aproximar do Outro, no seu próprio contexto de vida; sabendo que “a razão fundamental da evangelização inculturada é a participação de todos no banquete da Vida” (Suess, 2017, p. 1).

14. Referências

CELAM. *II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Medellín*. São Paulo: Paulinas, 1998.

CELAM. *III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1984.

CELAM. *IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Santo Domingo: 1992*. São Paulo: Loyola, 1992.

CELAM. *V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Laudato Si'*. Brasília: CNBB, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*. Brasília: CNBB, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Encíclica Fratelli Tutti*. Brasília: CNBB, 2020.

GIANNETTI, E. A crise da ecologia psíquica. *Revista Fronteiras do Pensamento*, abr. 2017. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/a-crise-da-ecologia-psiquica>. Acesso em: 16 jun. 2025.

JOÃO PAULO II, Papa. *Encíclica Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 1991.

LIBANIO, J. B. *Igreja contemporânea: encontro com a modernidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LORSCHIEDER, A. *A caminho da 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribeño: retrospectiva histórica*. Aparecida (SP): Editora Santuário, 2006.



- PAULO VI, Papa. *Carta encíclica Populorum Progressio*. São Paulo: Paulinas, 1968.
- PAULO VI, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1976.
- PASSOS, João D. *Concílio Vaticano II: reflexões sobre um carisma em curso*. São Paulo: Paulus, 2014.
- RASCHIETTI, Estevão. *Ad Gentes: textos e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- RASCHIETTI, Estevão. Missão e decolonialidade: apontamentos para um paradigma missionário latino-americano em perspectiva decolonial. *Perspectiva Teológica*, v. 54, n. 2, p. 513, 2022. DOI: 10.20911/21768757v54n2p513/2022. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/5065>. Acesso em: 21 jun. 2025.
- SCANNONE, J. C. *Quando il popolo diventa teologo*. Bologna (IT): EMI, 2016.
- SUESS, Paulo. *Dicionário da Evangelii Gaudium: 50 palavras-chave para uma leitura pastoral*. São Paulo: Paulus, 2015.
- SUESS, Paulo. *Inculturação: questões introdutórias em torno do paradigma da inculturação – primeiro núcleo*. São Paulo: Missiologia Relami, 2017. Disponível em: <https://www.missiologia.org.br/wp-content/uploads/2017/11/1nucleo.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.
- SUESS, Paulo. *Teologia da missão: convocar e enviar servos e testemunhas do Reino*. Petrópolis: Vozes, 2024.
- SUESS, Paulo. Missão: o paradigma-síntese de Aparecida. In: *V Conferência de Aparecida – Renascer de uma esperança*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- VALENTINI, Demétrio. Aparecida: valores e limites. In: *V Conferência de Aparecida – Renascer de uma esperança*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- VALLE, J. E. R. Ad Gentes 40 anos depois: um olhar retrospectivo. *Religião & Cultura*. Departamento de Teologia e Ciências da Religião – PUC-SP. *Bastidores da Primavera: revendo o Concílio Vaticano II 40 anos depois*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- VATICANO II. *Constituição pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje*. In: *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 143-256.
- VATICANO II. *Constituição dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. In: *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 39-113.
- VATICANO II. *Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja*. In: *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 351-399.

